

A Brigantia

Quem procurar a historia da actual cidade de Bragança vae encontrar num *escambo* feito entre D. Sancho I e os frades do convento do Castro de Avellãs, na era de MCCXXV, a cedencia d'estes áquelle de uma quinta chamada da Bemquerença — *Bemquerentia* — que era para a fundação de uma povoação e realenga na terra de Bragança; como de facto a fundou e deu foral no mesmo anno, mandando erguer os seus muros em 1188 ao partir para a conquista do Algarve: *Et in muros de Coviliana, et de Benquerentia etc. LXXXV milia, et triginta quinque solidos, et pipiones. . . . etc.* Esta quinta, em virtude dos privilegios e immunidades, que lhe foram concedidos com o fim de desenvolver para a tornar em condições de poder satisfazer ás exigencias para que fôra fundada, as quaes deviam ser as de constituir um ponto tactico importante na fronteira nordeste do nascente reino, e ao mesmo tempo um ponto de apoio e estrategico numa guerra de invasão, engrandecem-se desde logo de tal maneira, que já na sua primeira carta de fôro lhe chamam *Villa*.

Neste documento lê-se tambem o nome de *cidade*, que não se deve entender como referindo se só á povoação da Bemquerença, mas que abrangia tambem as povoações ou povoados situados numa área pouco mais ou menos como hoje a de um concelho. Os fôros de cidade só os teve no reinado de D. Affonso V, por carta dada em Ceuta em 20 de fevereiro de 1464 a pedido de D. Fernando, 2.º duque de Bragança, em que se lê: *ouvemos certa informação que antigamente ella era cidade: e assim no foral, que tem ella he nomeada por cidade: depois se despovoou, e quando se tornou a reedificar, ficou Villa.*

O que causa admiração e tem dado origem a grande discussão entre os chorographos é o povoador da Bemquerença referir-se a ella chamando-lhe *Bregança*: *Homens de vossa Villa non den portage em vossa Villa. . . . Damos a vós, e outorgamos por ffôro que todo o morador da cibidade de Bregança. . . . Damos de mais aa cibidade de Bregança. . . .*

E como não admitte dúvida que *Bregança* venha de *Brigantia*, palavra de origem celtica, tem isto dado motivo a que em volta da historia antiga de Bragança se tenham aventado as mais extraordinarias e phantasticas hypotheses. Mas, quem se tiver dedicado ao estudo d'este assumpto, acceita sem excitação alguma, se o não tiver ainda formado, o parecer do Sr. J. Leite de Vasconcellos, que vamos transcrever do n.º 1 do vol. III d-*O Archeologo Português*:

«Ainda que a cidade de Bragança data só, como parece, da idade média, o seu territorio data, como vimos, de mais longe: se este territorio tinha nome, — que era *Brigantia, — ahi morava gente e havia povoados. A porca do pelourinho pertenceu seguramente a um d'estes povoados, que de certo não distaria muito da moderna cidade, se é que não se confundia com ella».

A historia de Bragança nos tempos anteriores á monarchia está ainda por fazer, e só se poderá constituir por meio de aturadas investigações archeologicas: — *veterum volvens monumenta virorum*.

O que não resta dúvida é que na Brigantia a população foi densissima, a avaliar pelos castros que abundam por estes sitios, restos pela maior parte, de povoações mortas de character romano que deviam ficar perto, se não se confundiram com o local aonde viveu alguma das familias que constituíam as innumeradas tribus da provincia Gallica.

É um vasto campo que ainda ha para ser explorado por quantos sentem prazer em saber o que succedeu por estes sitios no passado; e mesmo porque talvez ainda por ahi se encontrem, no territorio da Brigantia, alguns dolmens ou mamôas que encerrem as cinzas dos primitivos habitantes; alguns loca sacra e carvalhos sagrados que guardem os segredos intimos, os votos, as preces e as orações dos que viveram identificados com a rudez e simplicidade da natureza; algum cromlecks ou menhirs, que testemunhem o viver d'esses povos, como monumentos sagrados, aonde a superstição os levava a crer que estava escondido o sobrenatural, o mysterioso; talvez ainda nas margens do Sabor, do Fervença, do Vasseiro, emfim, de todos esses rios, possamos encontrar as pègadas, os signaes, os indicios, dos que ao nascer do sol iam purificar-se nas aguas das fontes, dos rios e ribeiros. Quantas vezes, sem darmos por isso, teremos pisado o local onde se passou algum facto importante do viver d'essas raças guerreiras, tal como um combate, uma arremettida, seguida de hecatombe em que eram sacrificados os prisioneiros que tinham escapado aos golpes das armas de silex, osso, punhaes, frechas, pontas de lança, martelos, machados de bronze, etc.!

Ao caminharmos, portanto, através d'esses campos, não temos só de observar a sua natureza, constituição, fôrma e vegetação, devemos tambem procurar os altares, os vestigios, as necropoles, emfim as cinzas das gerações que os habitaram desde os tempos mais remotos. E como seria agradavel ver surgir hoje, por um momento, todos esses mundos animados, cheios de vida e movimento, como a imaginação os fôrma, ao falar-nos d'elles a historia! Seria um espectáculo sublime

parecido ao que teve o primeiro propheta de Israel, quando, do cume de uma das montanhas mais elevadas do velho mundo, viu desenrolar-se ante si todo o panorama da existencia do Universo!

(Do Norte Trasmontano, de 6 de Agosto de 1896).

ALBINO PEREIRA LOPO.

Noticias archeologicas colhidas em documentos do seculo XVIII

1. Antighalhas achadas em Braga

a) *Thesouro de objectos romanos*¹.

«Braga, 20 de Junho. — Nesta Cidade junto ao Convento das Freiras da Conceiçam, no sitio, a que o Povo dá o nome de *Cividade*, onde ainda ao presente existe huma grande parte de muralha antiga do tempo dos Romanos, descobriram 4 homens do campo, cavando, hum precioso tesouro de peças maravilhozas pela sua forma, entre as quaes havia 4 estatuas de finissima prata, de 6 palmos de altura: huma de Mulher, duas de Centauros, e outra de hum Fauno. Com estas appareceram tambem 20 Cascos, ou Elmos de prata, grossos, e lavrados com suas folhagens de finissimo buril; algumas do tamanho da copa de hum chapéo, outras de bico, como Morriöens: alguns Vasos pequenos ovados, que pareciam destinados para sacrificios. Apareceram mais trinta e tantas laminas de prata do tamanho de hum quarto de papel, e outras pequenas, como a palma da mam. Em algumas se viam primorozamente debuxados Caçadores fazendo montarias: em outras somente alguns Javalis. Dizem que pezaça tudo 240 marcos. Os descobridores repartiram entre si o achado, e vendeu hum delles a hum ourives da prata desta Cidade o pezo de 23 marcos de finissima prata: os outros se espalharam por varias partes, encubriendo o que tinham achado, e hum as foy vender a hum ourives em *Chaves*; onde se acha o Senhor Arcebispo Primaz, que havendo tido noticia deste descobrimento fez logo comprar as peças, que havia em *Chaves*, e mandou

¹ [Não póde duvidar-se d'esta noticia, em virtude da natureza do periodico em que foi publicada. Este rico thesouro, que se perdeu, lembra o do *Bosco-Reale* (sec. i), que vi no Museu de Louvre em 1897. — J. L. DE V.]